ANO 4.º LISBOA—QUARTA-FEIRA, 30 DE JULHO DE 1924 N.º 1016

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

DE Londres enviam-nos a seguinte carta:

«Um dia destes, entre as 13 e as 14 horas, seguia eu pelo «Strand» quando me pareceu que junto do edificio do tribunal se passava qualquer coisa de extraordinario que atraía os olhares das centenas de pessoas que naquela hora do «lunch» por ali circulam.

Instintivamente aproximei-me da multidão de curiosos e vi que o objecto de toda aquela curiosidade era um homem de boa figura e bem posto que passeava em frente do tribunal, com um ar grave e triste de «gato-pingado», trazendo aos ombros, á laia de casula, dois «placards» onde, em grandes letras encarnadas sobre um fundo negro, se lia o seguinte: *Mind your own business!*, que é como quem diria em português: *não metas o nariz onde não fores chamado!*

Que diabo quereria aquilo dizer? Teria certamente a sua origem nalguma historia interessante e eis o qua consegui averiguar:

Ali para os lados do Russell Square vivia uma «miss» que recebia frequentes visitas de certo «gentleman».

Ora o nosso homem dos «placards», que era um pacado merceeiro e residia nas imediações daqueles sitios, entendeu que era seu dever, nas horas vagas, zelar pela moralidade dos costumes ingleses e passou a espiar a casa da referida «miss». Tendo observado certos factos, que ele julgou constituirem prova bastante da «imoralidade» do caso, aos tribunais apresentou a respectiva queixa. E, posta a questão em juizo, provou-se não haver motivos para procedimento, que os factos observados haviam sido desvirtuados e que o comportamento da «miss» estava em regra e conforme os bons costumes da moralidade inglesa.

Vira-se o feitiço contra o feiticeiro e o filantropico zelador da moralidade publica é processado por caluniador, obrigado por sua vez a justificar certos actos irregulares da sua vida intima e, por ultimo, condenado a pagar uma indemnisação de mil libras, além das custas e selos do processo!

E aí está a razão porque o nosso homem, como quem pretende penitenciar-se dos erros de uma vida inteira, decidiu recorrer áquele meio para avisar os seus numerosos confrades na «bisbilhotice», de que mais avisadamente andariam se não metessem o nariz onde não fossem chamados.—*A. Trindade.*»

* * *

MANUEL Monteiro enviou-nos um exemplar da conferencia que disse na Escola Primaria Superior de Leiria, sobre *Camões, Lusiadas.*

O producto da venda reverte a favor do monumento que a cidade do Liz vai erigir aos mortos na guerra.

O dr. Paulino da Costa Santos, no prefacio de que a precede, refere-se ao auctor em termos que muito o honram. A leitura da conferencia confirma esta apreciação.

* * *

CONTINUA a falar-se na possivel creação de um Banco do Estado. Esta peregrina ideia aparece, de largo em largo, nos vagos planos dos politicos, como os corvos retardatarios que crocitam no meio do temporal a que não souberam fugir.

Que bela mina para extraír notas!

O cambio, que entre nós tem galopado o que se sabe, apenas tal banco se fundasse, faria num pulo o *raid* da nossa desgraça.

* * *

CHEGOU ontem de França, o nosso querido amigo sr. Antonio Vieira Pinto.

O PASSADO

O livro que João Franco escreveu para repôr na verdade do seu ser e na significação social e politica da sua obra o rei D. Carlos traz á nossa memoria factos e acontecimentos que, apesar de proximos, estão envoltos em densas sombras.

O regicidio é, na expressão tragica da derrocada que causou, qualquer coisa de tão fora da historia de Portugal que quanto mais nós reflectimos sobre ele tanto mais inexplicavel nos aparece, dentro da atmosfera em que se produziu.

E' inegavel que D. Carlos trabalhava com afinco, para que o país se libertasse de uma politica sem ideais nem grandeza, criando outra que correspondesse aos iniludiveis desejos de uma maioria honesta e trabalhadora.

Viu-se obrigado a apelar para a ditadura, como um remedio violento contra os politicos que não se conformavam com o desaparecimento das suas honras e comedorias.

Das varias cartas que escreveu ao seu ultimo presidente do conselho, deduz-se claramente que a sua vontade era firme e limpa, animando-o o proposito de romper de vez com erros que de longe vinham.

Qual a recompensa de tamanho esforço?

A sua morte, bem como a do principe herdeiro.

Os homens que pretendiam matar João Franco, como este se escapasse á sua colera homicida, concertam-se repentinamente para abater a familia real.

As vitimas foram duas—o pai e o filho.

O sangue dos dois salpicou a mesma tragedia, como se fosse possivel repartir entre eles as mesmas responsabilidades.

Num rapidissimo momento, caíu um passado de oito seculos.

A Monarquia deixou de existir, porque o que lhe sobreviveu não merece esse nome.

A Republica quasi se fez, antes da sua implantação.

O dia 5 de Outubro de 1910, marca simplesmente a partida dos Braganças.

Estes deixaram Portugal, quando o trono era somente uma recordação.

Quem cá ficou, por inexpulsaveis, foram os cadaveres de D. Carlos e do principe.

Ha quinze anos que os dois dormem, sob a sua gelida mortalha.

Não se julgue, porém, que a sua *presença* não é deste mundo.

Vivem em almas e coisas—uma vida que excede a das gerações.

Os regicidas julgaram-nos e mataram-nos.

O processo foi veloz—tão veloz que nem houve tempo para uma reflexão, um olhar de piedade.

João Franco apela para uma justiça, superior ás humanas paixões.

Que dirá ela?

Esta pregunta aparece, de vez em quando, nas nossas inquietações.

No dia em que da treva que a sepulta um historiador corajoso arrancar a verdadeira historia do regicidio, quantos rostos empalidecerão!

E' até possivel que João Franco, que um dia inventou um partido de homens de bem para servir a Monarquia, se sinta na obrigação de reconhecer tambem os seus pecados.

Encantos do casamento

Ela:—Um conto e duzentos! Mas não tem mais caro?
Ele:—E ha quem case por economia!

COMO é já do conhecimento dos nossos leitores, realiza-se brevemente na Corunha uma exposição de ceramica portuguesa. O governo espanhol, graças á intervenção do Conselho Provincial de Fomento, da Corunha, concede as maiores facilidades aos expositores, nos caminhos de ferro.

A fim de que se não diga que os estrangeiros são mais nossos amigos que nós proprios, o sr. Jorge Colaço, notavel pintor e ceramista, em nome dos seus colegas, dirigiu-se ao sr. ministro dos Estrangeiros, a fim de obter para os volumes prestes a embarcar, as seguintes facilidades: dispensa dos direitos de exportação, redução do preço dos transportes nas linhas do Estado, e passagem livre na Alfandega de Valença do Minho.

Esperamos que este pedido mereça deferimento, mas com a maior urgencia, visto aproximar-se a data da exposição. Apelamos para os srs. ministros dos Estrangeiros, Finanças e Comercio.

* * *

NO dia 4 de Agosto não haverá espectaculos em Lisboa. Ou melhor: haverá só um espectaculo, no Coliseu dos Recreios, no qual tomam parte todos os artistas dos teatros de Lisboa.

Promovido a favor da A. C. T. T., esse espectaculo está destinado a ser uma festa brilhantissima, por todos os motivos. E' a gente de teatro aquela que mais generosamente presta o seu concurso a obras de caridade. Desta vez, a caridade entende-se com a sua associação de classe, sendo de esperar que o publico não falte com o seu aplauso a uma festa tão interessante e unica no genero, destinada a fins beneficentes, em que os artistas de todos os teatros de Lisboa se apresentarão em muitas e variadas modalidades do seu talento histrionico.

* * *

HOMENS DO MEU TEMPO, o novo trabalho do nosso querido camarada Paulo Freire (Mario), encontra-se já ha venda em todas as livrarias.

Trata-se dum livro de ardente analise e de sincera justiça a algumas das principais figuras do nosso meio literario, artistico e jornalistico. Livro de paixões ele deve levantar violentas controversias, o que nos demonstra os creditos de quem o escreveu.

* * *

NA entrevista que ontem publicámos com o sr. ministro do Trabalho pode depreender-se que os antigos proprietarios dos terrenos destinados aos Bairros Sociais vão receber qualquer indemnização. A expressão «indemnização» não é bem cabida, visto que o governo nenhuma indemnização pagará. A liquidação é que será feita pelo valor que na entrevista se apontava.

* * *

AS pessoas que manifestam maior impaciencia pela queda do governo não se cansam de dizer que a sua sorte está julgada—poucos dias de vida. O sr. Rodrigues Gaspar, como que a formar côro com os seus fogosos adversarios, corrobora — poucos dias de vida... para as vossas ilusões.

* * *

O GOVERNO não quere aumentar a circulação fiduciaria. Esta decisão é tão forte que, da Casa da Moeda, continua o encaixotamento ds prata.

Maximas

... minimas

Quem pratica uma boa acção, com o intuito de que lha recompensem, é um egoista; com o intuito de que lha agradeçam, é um imbecil.

* * *

Quem beneficia contraie a obrigação de beneficiar indefinidamente! O beneficiado, se deixa de o ser, considera-se espoliado, esquece os beneficios recebidos, e transforma-se num rancoroso inimigo!

A gratidão humana é assim.

* * *

O goso de beneficiar só é perfeito quando não temos a mais leve ideia de recompensa, ou de simples gratidão do favorecido.

* * *

Fazer bem é a mais obrigatoria das obrigações! O beneficiado é o mais constante e implacavel credor... do que se lhe não deve.

* * *

Deus criou o cão para evidenciar a maldade do homem.

* * *

Quanto mais se aprecia o homem, mais se deve fugir dele.

* * *

Só trabalha por gosto quem não tem mais nada que fazer.

* * *

As amarguras da mocidade azedam a vida inteira.

* * *

A peor solidão é a daquele que vive só... ostensivamente acompanhado.

* * *

A mais encarniçada fera contra o homem é o proprio homem.

* * *

Os estupidos, em geral, são velhacos: a velhacaría é uma inteligencia subalterna.

* * *

Ha homens que são como os ôdres, quanto mais cheios de vento mais vista fazem.

* * *

A evolução animica da Humanidade, que os utopistas procuram endeusar, cifra-se num simile de Camilo, a pag. 154 do «Amor de Salvação»: como a *Feteira de Abrantes*, pior que dantes.

* * *

A sociedade é uma engrenagem, ninguem lhe foge aos dentes, que mordem sempre: movidos pela fome; pela inveja, mãe da calunia; pelo simples prazer chocarreiro da maledicencia....

* * *

A verdadeira grandeza moral não está em combater a maledicencia está em sabermos que ela é imerecida.

* * *

Não ha nada melhor do que ter obrigações constantes a cumprir: a inatividade é a pior doença.

* * *

A vida sem Beleza é arida e triste; criêmos Beleza, amêmos e Beleza... para tornarmos a vida suportavel.

Cruz Magalhães.

Exame no Conservatorio

O nosso querido amigo e distinto amador de piano e canto, Sr. Francisco Maria de Loureiro Marques Diniz, mais uma vez brilhou, concluindo o curso complementar de piano (6.° anno) sob a presidencia do grande mestre Sr. Vianna da Motta, que muito o felicitou. O joven e talentoso estudante completou tambem, ha dias, a 7.ª classe dos Liceus com grande exito. Os nossos parabens.

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro. Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

---

Pianos Alemães

das mais afamadas marcas. Grande sortido musical. A. Morais, Lda. Rua das Portas de Santo Antão, 128.

Um BOGDANOFF para cada fumador

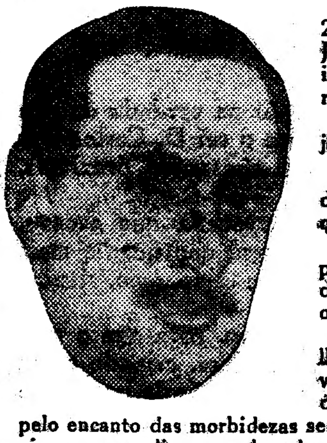
UM LIVRO DE VERSOS

«Sisifo»

de João de Barros

e como o aprecia

o jornal "A Patria,, do Rio de Janeiro



O jornal *A Patria*, do Rio de Janeiro, publicou no dia 28 do mês passado um magnifico artigo sobre o livro de João de Barros, *Sisifo*, excelente obra de arte do nosso ilustre compatriota, e na qual, segundo o articulista, «se reflecte o genio dos lusiadas».

Analisando o poema, o autor faz considerações que julgamos dignas de transcrição:

«João de Barros, o poeta forte do «Anteu», acaba de dar á publicidade um novo poema — «Sisifo» — em que reafirma as virtudes creadoras do seu claro espirito.

Entre as figuras maiores que se expressam em lingua portuguesa, na literatura de ficção, esse intelectual se destaca tanto pelo brilho de genio artistico, como pela originalidade de feitio.

De facto, quando o decadentismo avassala as melhores inteligencias, inspirando uma obra formosa, talvez, porêm esteril, o vate luso envereda através de senda bem diversa. João de Barros não se deixa prender pelo encanto das morbidezas sentimentais. Acorde ao seu caracter, constroe uma obra vigorosa e sadia, uma obra de acção.

Não encontramos, nas paginas agitadas desse poema regumante de vitalidade, a galanteria futil, o rendilhado precioso de linguagem, a indecisão ou tibieza na forma ou na expressão psicologica. Tudo, através desse entrecho grandioso e solêne, é sobrio e amplo.

Em vez de tafularias e arrebiques, encontramos a força e a virtude, um senso lato que abrange e aclara.

A linguagem é exacta, forte, limpida; a parte de imaginativa não excede as linhas naturais do pensamento para ascender á bizarria convencional; o ritmo, acorde á imaginação, conserva uma graça discreta, plena de equilibrio e vigor; o entrecho, a seu turno, modela-se em linhas nitidas.

A base do poema é o impulso de reacção. A energia é glorificada nesses versos tranquilos e fortes, através de simbolos. «Sisifo» é uma sintese ritmada da vida.»

. . . .

O artigo descreve depois o poema, aprecia-o em toda a sua formidavel e nobre grandeza. Recorta versos, de entre os quais não fugimos á tentação, por nossa vez, de relembrar, repetir a transcrição desta formosa estrofe, colocada na boca de Aglaia:

> «Eu não sou beijo: — eu sou a estrela do caminho!
> Não sou carinho — sou o ardor da primavera
> Renascendo do gêlo a que o frio resguarda!...
> Nunca o meu amor foge e o meu abraço tarda:
> — Chego sempre na hora em que devo chegar».

E termina assim a apreciação:

«Tal é o poema de João de Barros, poema que resume na inergia acciemante de seu entrecho, realizado com alto senso filosofico, um evangelho de acção e da beleza. O vigor de caracter do cantor de «Sisifo» reflecte-se através de toda a sua obra, assim como no proprio ritmo de seu estro: os poemas de João de Barros são hinos ás virtudes humanas.

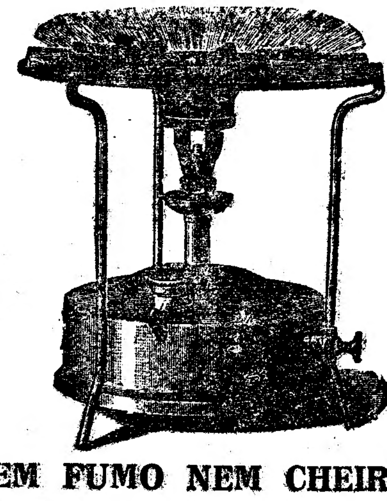
A nota de exaltação predomina nessas estrofes largas no ritmo e no sentido, inquietas e flutuantes, estrofes em que se pressente o genio de uma raça fadada ao sonho e á aventura.»

FOGOES A GAZ DE PETROLEO

O FOGAREIRO MODERNO

RAPIDEZ

ECONOMIA



SEGURANÇA

COMODIDADE

SEM FUMO NEM CHEIRO

N'uma hora, com 2 decilitros de petroleo, póde servir-se uma refeição completa. São muito portateis, recomendando-se para o Campo e Praias.

Á VENDA:

VACUUM OIL COMPANY

RUA DA HORTA SECA, 17

E NAS SUAS AGENCIAS

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Penha Garcia, condessa de Ficalho, D. Amelia Ulrich de Maia Cardoso, D. Sofia R... de Oliveira Partela, D. Ignez Virginia da Costa Penha Peixoto, D. Maria José Zuzarte de Mascarenhas de Moraes e Ataide e D. Ester da Mota Teixeira.

E os srs:

Conde da Ponte, conde de Zileri Dal Verme, conselheiro Julio Marques de Vilhena, D. Antonio de Menezes, Ascenço Inacio de Siqueira Freire (S. Martinho), Carlos Bressane de Leite Perry, Duarte de Mendonça e Silva, Francisco Antonio Palma de Vilhena e José Tavares Oom.

Veraneios elegantes

BUSSACO, 29 de julho.—*Meu caro Carlos*.—Ha muito que estou para te escrever para te comunicar que na proxima quinta-feira, 31 do corrente, se inauguram na magnifica esplanada do Palace Hotel os «chás tangos», que o ano passado tanto agrado obtiveram e que estamos certos este ano alcançarão ainda maior, visto que me informa pessoa competente, estão feitas numerosas combinações entre as principais familias que se encontram passando o verão no Luzo e Curia.

No Palace Hotel a animação é já enorme, vendo-se quasi todos os quartos ocupados por tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante, vendo-se tambem grande numero de estrangeiros.

O «chá tango», que na quinta-feira, 31, se inaugura, será abrilhantado por uma esplendida orquestra «jazz-band», estando já tomado grande numero de mesas.

Até breve.—*Luiz*.

CURIA, 27 de julho.—*Meu caro Carlos*.—Preocupações de espirito têm obstado a que eu te mandasse—ha mais tempo, como era meu desejo—noticias do que ultimamente se tem passado nestas divertidas termas—e muito tem sido. Entre os motivos citarei alguns passeios a Luzo, os «lunchs» no bufete do Parque, os «rendez-vous» no Parque, á sombra dos platanos, os «chás tangos» e os concertos no Casino, o jantar á americana no Palace Hotel, os coloquios familiares, as aspiradelas..., emfim, um sem numero que dariam margem a um escritor de fama para fazer lindas e interessantes cronicas.

Como vagueio muito na sombra desses artistas das letras, vou simplesmente referir-me ao motivo que mais animou a colonia aquista da Curia e que foi, sem duvida, até agora, o melhor—o jantar á americana, que se realisou no passado domingo no salão de refeições do Palace Hotel.

Foi uma festa verdadeiramente animada e cheia de interesse, sobretudo para a assistencia, que era numerosa, como abaixo se verá.

Houve premios para distinguir o gosto e a arte, oferecidos pelo sr. Alexandre de Almeida e distribuidos por uma comissão composta das sr.ª condessa de Ficalho, presidente; viscondessa de Porto Formoso, D. Virginia Olga de Abreu Franco e madame Pressler.

Eis a nota dos premios:

Para a mesa mais artisticamente ornamentada—1.°, uma jarra de fantasia em faiança das Caldas; 2.°, uma garrafa de vinho espumoso da Bairrada.

Para o par que se salientar na dansa—1.°, um artistico bronze, representando uma dansarina; 2.°, um quadro em miniatura, representando uma dama arabe, sistema Anaglifos; 3.°, um pequeno quadro, transparente, com silhuetas sombrias.

Para a «toilette» mais elegante e de mais gosto—1.°, uma estatueta em bronze; 2.°, uma interessante miniatura representando um bailado, genero Anaglifos; 3.°, um pequeno quadro com sombras romanas, em transparencia.

O juri fez a seguinte classificação:

Para a mesa melhor ornamentada—1.° premio, á familia Pinto Azevedo; 2.°, familia Oliveira de Melo.

Para a «toilette» mais elegante—1.° premio, condessa de Vila Alva; 2.° madame Rocha e Melo; 3.°, D. Maria da Assunção Pinto Azevedo.

Para o par melhor dansante—1.°, D. Manuela de Carvalho; 2.°, D. Ofelia Franco; 3.°, D. Maria da Assunção Pinto Azevedo.

O rapaz premiado como dansarino mais elegante foi o sr. Rogerio Godinho.

Na assistencia, cuja nota dificil se torna dar a pessoa que, como eu, não tenha perspicacia, via-se tudo que de melhor se encontra aqui veraneando, assim como no Luso e Bussaco.—*Mario de Mont'Alvo.*

No Campo Pequeno

A noite de ámanhã na praça de touros do Campo Pequeno vai decerto ficar memoravel, pois toureia pela segunda vez o fenomenal espada «Maera», que se faz acompanhar além da sua quadrilha completa de seu irmão o novel bezerrista José Maera, que se exibirá em dois garraios de Emilio Infante (Herdeiros).

Para a noite de ámanhã sabemos que grande numero de senhoras da nossa primeira sociedade que já se encontram em Cascais e Estoris, resolveram dar «rendez-vous» aí.

Doentes

Foi ha dias operado pelo ilustre clinico e professor sr. dr. Carlos de Melo, o sr. Alberto Ascensão Araujo, cujo estado é felizmente muito satisfatorio.

—Na sua casa em Cintra, encontra-se gravemente enfermo o sr. Cincinato da Costa.

—Sofreu ha dias em Inglaterra, onde se encontra com sua esposa, uma melindrosa operação, o sr. marquês da Praia e Monforte, a qual decorreu muito bem, sendo o estado do ilustre enfermo muito satisfatorio. Seus sogros a senhora D. Fany Davidson Perestrelo de Vasconcelos e o sr. Eduardo Perestrelo de Vasconcelos, acompanhados de sua gentil filha D. Maria Vitoria, já regressaram á sua casa em Cascais.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—A's 21,30—«O Leque».
Nacional—A's 21,30—«Os dois garotos».
S. Luiz—Não ha espectaculo.
Trindade—A's 21,30—«O Papá Lebonnard».
Politeama—Não ha espectaculo.
Avenida—Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Rés-Vés».
Apolo—A's 21,30—«O Capital».
Eden—A's 21,30—«Fruto Proibido».
Gil Vicente—A's 21,15—«Os dois sargentos».
Coliseu dos Recreios—A's 21,45—Variedades e torneio de luta.
Circo da Feira—(Parque Eduardo VII)—A's 21,45 e 23—Companhia Cardinali.

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz—Calçada da Gloria.
Olimpia—Rua dos Condes—«Matinée» e «soirée».
Cinema Condes—Avenida da Liberdade.
Salão Central—Praça dos Restauradores.
Chiado-Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Cine-Paris—Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora—Largo do Calvario.
Eden Cinema—Rua de Alvito.
Salão-Excelo—Rua do Arco do Bandeira.

O TEATRO PORTUGUEZ

A peça «Mar Alto»

de Antonio Ferro

que tanto deu que falar

acaba de ser publicada

Na geração moderna, Antonio Ferro, discutido e defendido com violencias e entusiasmos—marca um alto e bizarro valor literario. Ilusionista da palavra, «jongleur» da frase, malabarista do sentimento, dando a vida em arcadas rapidas de tzigano, focando os acontecimentos atravez duma retina prismatica de côres—Antonio Ferro tem feito uma obra, individualizado as suas atitudes, destacado o seu temperamento.

Acaba de aparecer, em livro, a sua primeira peça: «Mar Alto». A critica já se referiu a ela. No prefacio: Antonio Ferro, que é tambem critico, critica-se a si proprio, encontrando optimos argumentos na defesa do pensamento artistico e psicologico que realizou no «Mar Alto».

Peça de alta tensão dramatica, dialogada ao vivo sobre o coração humano, com virtudes ineditas na concepção das scenas—«Mar Alto», ficará sendo uma arrojada e audaciosa tentativa de teatro moderno, vibrando como uma parabola coreografica, de imprevisto desenho.

Uma parte do publico riu muito, riu sem destino, riu para fazer barulho. Não foi um riso de ironia, não foi um riso de superioridade, foi um riso alvar, demente, o riso cobarde de quem disfarça, o riso comodista de quem não quer tomar a sério o que é demasiado sério...

E' facil de provar o que afirmo lembrando algumas das passagens com que o publico riu mais e que,—valha a verdade!—não têm graça nenhuma... Com o publico tambem riram algumas pessoas inteligentes... Não os censuro. Antoine, o grande Antoine, experimentado e sabedor, confessava, ha dias, nas colunas de «Le Journal», que não tinha podido furtar-se á influencia de certo ambiente hostil, na noite da «reprise» duma peça que em tempos ele montara com entusiasmo e fé.

No «Mar Alto», o publico começou a rir com o monologo infeliz dum vento que eu não encomendei... Riu porquê Erico Braga entrou em scena com a gola do casaco levantada, pormenor que eu não rubriquei mas que se justificava pela alusão ao temporal, á noite fria, desagradavel. Riu depois muito com uma das frases mais expressivas de toda a peça, uma frase que desliza perfeitamente dentro da atmosfera do dialogo e que diz, sem os rodeios do costume, a natureza do sentimento que liga Madalena a Henrique.

Eis a frase.—Diz Henrique: «Davas o teu corpo a teu marido como o davas a mim...» Madalena responde: «Emprestava-to. E' diferente.»

Este verbo emprestar caiu mal e caiu mal porque emprestar, para certo publico simplista, entende-se apenas com notas do Banco de Portugal... Uma mulher emprestar o seu corpo a um amante que não ama, é de compreensão dificil. Ha aqui uma poeira de simbolo e basta haver um grão de poeira para certas pessoas não verem nada...

O final do segundo acto que no Brasil foi saudado com uma «trouvaille», despertou franca hilariedade em Lisboa. O amante esgotou todos os recursos para deter Madalena para que ela não fuja da sua vida. Madalena repele-o sempre. Vai sair. Um passo mais e perder-se-ha na distancia, desaparecerá para sempre. E' então que Henrique, agarrado ao ultimo pretexto, um pretexto ridiculo mas humano, lhe diz, como o condenado á morte, em frente do cadafalso, solicita ainda, na esperança do perdão regio, a graça dum minuto: «Será melhor saires ámanhã... Chove tanto!...»

Pois quem ha aí, ao ler-me com serenidade, que não compreenda este grito, o grito do naufrago que vai esconder a sua ultima esperança na tabua insignificante que avista ao cimo de agua, o grito de nós todos que ao ver fugir a mulher que amamos, supomos ainda prendê-la por um cabelo, por uma fita, por um olhar...

O terceiro acto foi interrompido na scena mais humana de toda a peça, na scena em que Madalena e Luiz atiram á cara um do outro, com toda a lama que os cobre, aviltando-se, gritando o seu odio mutuo... E' uma scena que nem sequer é muito original. Existe em muitas peças e existe em muitas vidas. A frase sintetica e verdadeira «Tu és um manequim!» fez delirar de goso a plateia senil... Que tem de estranho essa expressão aplicada a uma mulher que é na verdade, um manequim! O «Mar Alto», justamente, é o drama da mulher que se transforma num manequim para manter o amor dum poeta do seculo, doentio e artificial.

Essa verdade do «Mar Alto» foi uma das mais negadas. Segundo os criticos, o amor de Luiz pela mulher manequim, pela mulher vestida, pela mulher de seda, não é possivel, é uma ficção que só existe no meu espirito. O que eu acho inverosimil é a existencia, neste seculo, desses criticos sem observação e, portanto, sem razão de ser. A mentira da «toilette» foi sempre uma verdade. A mulher nua pertence á Arte; a mulher vestida pertence á Vida. Ha homens que se apaixonam por certo perfume, pela medida dum decote, pela côr de certo vestido, pelo desenho duma cabeleira... E' banal observar-se que a mulher despenteada, mal vestida, trapalhona, desencanta o marido e atira-o para fóra do lar á busca de aventuras... A mulher que não se veste bem é a mulher nua de espirito.

Na vida, para inspirar amor, tudo precisa de ser arranjado, de ser vestido: uma mulher, uma casa, uma cidade, uma ideia... A mulher só tem epiderme quando se veste. Não é uma verdade minha. Já Anatole a disse e a romantizou no seu livro: «L'ile des Pingouins». Mas se esta verdade sempre existiu ela afirma-se na nossa epoca como em nenhuma outra. A mulher de hoje para triunfar, para ter sempre em brasa a lareira do amor, precisa de esconder-se, de embrulhar-se, de fazer do seu corpo prenda oculta do bolo-rei. O verdadeiro corpo, hoje, é o vestido. A mulher que tiver mais corpos, que tiver mais vestidos, é a mulher mais amada. A mulher bela e mal vestida é um simples apontamento. Emquanto esse apontamento não fôr retocado, desenvolvido, passado a limpo, não merece ser editado, não merece o nosso amor... Esta verdade em todos nós, mais verdade se torna num cerebro doentio, exaltado, artificializado pela literatura como era o de Luiz. «Mar Alto» é, portanto, um drama da Epoca, o drama da mentira, o drama dum corpo que para ser amado se desdobra em mil corpos...

A minha peça tambem foi muito atacada na linguagem que empreguei. Acharam-na demasiado literaria, pouco teatral.

Não é verdade. A peça foi escrita com um grande espirito de sintese, com a preocupação constante de evitar a retorica, de evitar os monologos, de evitar as longas tiradas. Na peça póde haver muita literatura, mas não ha linguagem literaria. A literatura existe, realmente, nas ideias, na alma das frases, em certas situações. Não me arrependo. Estou com certo dramaturgo francês. E' preciso defender o teatro da multidão de analfabetos que o ameaça é preciso não reduzir o teatro a um jogo de atitudes, a um combate de box. Para isso já temos a Vida. E' preciso que o teatro seja a Vida mas seja tambem a Arte. Foi essa aliança da vida com a Arte que eu pretendi fazer no «Mar Alto». Pretendi fazê-lo á minha maneira como Wilde, d'Annunzio, Maeterlinck, Curel, Bouhelier, Claudel, Pirandello e alguns outros tentaram fazer á sua maneira. Para meu orgulho e minha compensação, recordo-me de ter visto certa peça revolucionaria de Bernard Schaw, triunfante em Inglaterra, ser pateada em Florença. E' o destino das peças inovadoras. Caem aqui, levantam-se além, mas seguem sempre. Os inovadores têm a volupia das pedradas. Chegam ao fim a escorrer sangue mas ficam, altivos e caluniados, com um sabor de apostolos.

O teatro em Portugal é uma arrecadação de fatos velhos;—os mesmos alçapões, os moldes de sempre, as mesmas cabeleiras... O publico está habituado ao ritmo de ha cincoenta anos, ao ritmo melodramatico da «Morgadinha de Val Flor» e do «Amor de Perdição»... Se alguem escreve uma peça com outro ritmo, com outra alma, com modernidade e arrojo, o publico e os criticos gritam numa harmonia: «Não está certo! A linguagem não é teatral! As situações são inverosimeis!» Quem não está certo, quem está fóra de moda, é certo publico que ainda se delicia com o «Rigoleto» e com a «Dama das Camelias»... Como a pintura, como a musica, como a poesia e como a prosa, o teatro tem de sofrer inovações. E essas inovações hão de ser acusadas, forçosamente, de erros de tecnica, de faltas de visão. Os erros de tecnica das peças reformadoras são as suas grandes qualidades.

O «Mar Alto» é uma peça inovadora por varios motivos. Porque é a primeira peça portuguêsa de acção directa, sem dramas á margem, sem personagens episodicos, sem intermedios comicos. O autor encontrou o seu drama na vida; isolou-o, deu-lhe a maxima claridade, recortou-o em seguida. O teatro tende para uma grande simplificação de processos. O teatro com modos de opereta só existe em Portugal. O teatro de hoje, quer na acção, quer no dialogo, quer no scenario, apenas se deve preocupar com as grandes linhas e desdenhar as ramificações. Todos esses acessorios do velho teatro, todos esses dramas minimos postos á margem do drama principal, apenas revelam a impotencia dos dramaturgos e receio de que o seu caso não tenha o interesse suficiente para empolgar a plateia. O «Mar Alto» é ainda uma peça nova porque tem tantos personagens como actos—três apênas. Numa peça moldada num grande conflito todos os personagens que ficam fóra desse conflito, tomam um ar abelhudo, um ar de quem se mete onde não é chamado... A unica testemunha dum drama sério deve ser o publico. Ninguem mais tem nada com isso... Finalmente, o «Mar Alto» é uma peça inovadora pelo assunto absolutamente inedito e pela linguagem onde procurei fundir a literatura e a sobriedade, onde procurei juntar as palavras de todos os dias com o alto pensamento das grandes horas da vida.

E' possivel que eu tenha falhado, que a minha obra não valha o meu sonho... Nem assim me arrependeria de a ter escrito. Quero-lhe muito, estimo-a como uma afirmação da minha força, da minha coragem moral, da minha independencia, do meu orgulho. Numa terra, onde são poucos os que tenham alguma coisa, ainda é uma gloria tentar mesmo para falhar... Falhados são os individuos de inteligencia preguiçosa, insignificantes torpes, reus do grande crime da indolencia e que se arvoram em juizes do trabalho dos outros...

Ainda bem que falhei perante esses, perante os falhados de profissão. Venci, venci perante mim, perante alguns e perante a minha epoca que, todos os dias, passa revista ao meu trabalho e me ralha quando eu não lhe entrego algumas «maquettes», alguns modelos. A diferença é só uma. Eles escrevem sobre tumulos. Eu escrevo sobre a mesa redonda do globo!... A' medida que eu vou escrevendo, as minhas obras, sempre actuais, vão passando, na verdade...

Mas, um dia, voltarão no giro eterno da terra, no giro eterno da minha escrevaninha... E o que eles escrevem ficará sepultado nas suas funebres secretarias, para não mais ressuscitar...

O «Mar Alto» aqui fica neste volume, volume que é uma pedra atirada á vulgaridade. Leiam-no, com atenção, os desapaixonados, os inteligentes e os bons. Nas suas linhas gerais, no seu contorno, encontrarão uma peça crua, violenta mas verdadeira e honesta como é verdadeiro e honesto o coração que pulsa entre farrapos...

E nas entrelinhas encontrareis tudo quanto a vossa alma exige: ternura, paixão, sacrificio, amor de mãe... Que importa o misticismo sensual de Santa Tereza se ela é uma Santa e tem um grande genio...

Aí fica o «Mar Alto». Passem de largo, os invejosos, os corrompidos e os falhados, todos aqueles para quem o «Mar Alto» póde ser um recurso e um aviso. Não leiam... Não percam tempo. Vão rir, vão rir muito para as revistas, para as casas sordidas, vão rir com haviam de rir com o «Mar Alto» num riso de imbecilidade e de incompreensão. Não leiam... Cuspam-lhe em cima. Rasguem o «Mar Alto» em mil pedacinhos; entreguem-no, depois, ás mãos do vento... Ele se formará novamente. Uma onda aqui, outra além, a maré que avança e o «Mar Alto» ressuscitará:—mar e ceu confundidos...

Egotismo? Talvez. Mas eu tenho um sonho e sou feliz. Eles têm apenas sono e não pódem dormir...

Até á proxima luta. Se a luta não vier então estarei vencido. Não ha vitoriosos sem combate. E eu quero combater sempre para que o ritmo da vitoria não abandone a minha vida.

O «Mar Alto» foi o meu Alcacer-Kibir, um Alcacer-Kibir onde o rei tambem não morreu. Ele continua a ser o Desejado, de poucos talvez, mas desejado por si proprio como se fosse pela patria inteira!... Talvez acabe de chegar, talvez já tenha desembarcado... Sinto dentro de mim a manhã de bruma que o envolve e que o vai revelar.

Não. O «Mar Alto» não foi uma derrota. O «Mar Alto» foi o meu Alcacer-Kibir e Alcacer-Kibir foi a maior vitoria da Raça, a vitoria que estilizou uma patria e deu a eternidade a um rei!...

GUY D'OLIVEIRA
ANALISES CLINICAS
Com pratica nos laboratorios dirigidos pelo Prof. Dr. Ayres Kopke
Urina, sangue, pús, expectoração, Wassermann
Ás classes menos abastadas e doentes de policlinica, preços especiaes
R. Garrett, 74-1.° Telef. C. 4186

A élite dos cigarros
BOGDANOFF

FATOS E SOBRETUDOS
Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.°.

SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação
DEPOSITO GERAL Telef. C. 11[illegible]
RUA AUGUSTA, 70, 2.°

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

— O TEMPO —

Situação geral ás 7 h. do dia 30: Depressão ao N do Adriatico 747mm com tendencia a deslocar-se para NE. Zona de alta pressão nos Açores 767mm. Pressão em Lisboa 762mm. O barometro desce ao NO das ilhas Britanicas e na Polonia e sobe no resto daEuropa. Na Europa predominam em geral ventos fracos variaveis.

Tempo provavel em Lisboa no dia 31: Bom tempo, vento NO moderado.

A Cidade

92 RUA NOVA DO ALMADA 92
Artigos para brindes
Ultimas novidades

Chá das cinco

Aquele jardim...

Aquele jardim é o meu refugio, quando fico algum tempo de verão em Lisboa. Não tem largos horizontes, que lhe são vedados pelos muros e pela casaría, mas tem a sombra fremente das arvores, a verdura fresca das plantas e o murmurio branco da agua nos tanques, a caír das torneiras á hora das regas. Vou para lá contar-lhe a nostalgia da minha saudade do campo... e outras saudades, talvez, porque nunca sabemos muito bem de quantas saudades a tristeza de uma saudade se compõe. Julgo que as arvores me entendem, e ouvem o que eu não digo, nessa larga confidencia silenciosa... Sob os meus pés frementes, a sombra das folhas, em que brilham pequenas clareiras de ouro, freme tambem... O vento passa e o arvoredo suspira... A agua murmura e uma rôla brava arrulha docemente .. E' uma ilusão do campo, uma ilusão fragil como todas as ilusões, mas bemfazeja. A cidade cança, enerva, tem gente demais, movimento demais, uma vida ficticia, que fatiga, e de que é dificil alguem alhear-se por completo.

Aquele jardim repousa-me, dulcifica-me... Vou para lá meditar. E' a cêrca do meu convento citadino. O ruido impertinente da rua chega ali amortecido e conseguimos ouvir a voz do pensamento, que se eleva e fala e canta. Fala com quem? Com os que estão longe ... ou perto. Ausencias e distancias são coisas tão aparentes!... E o pensamento vai dizendo, vai dizendo e o longo telegrama segue o seu caminho... e sai fóra do jardim vedado pelo muro alto e pela casaria... O sol desce, cala-se o murmurar da agua nos tanques, a rola brava foge...

Passam ao pé de mim as netas do jardineiro: uma pequenita franzina e um rapazinho palido. Pregunto-lhes como se chamam. Numa vozinha infantil e aguda dizem-me dois nomes e dois apelidos. Os filhos de um camponês diriam singelamente o nome do baptismo.

E' a cidade. A cidade tem sempre apelido.

Maria de Carvalho

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50 — CHIADO — LISBOA

UM GESTO

Do sr. Nuno Alvaro de Melo, conhecido e estimado empregado na Praça do Campo Pequeno, recebemos a seguinte carta:

Sr. critico tauromaquico.—Após 20 anos de trabalho na Praça do Campo Pequeno, fui injustamente ofendido por alguns espectadores sem terem motivo para tal.

Resolvi despedir-me, mas recebendo palavras de apreço e provas de carinho dos meus superiores e da Empresa, resolvi ficar, tomando a deliberação de oferecer o produto do meu trabalho para esse jornal entregar aos pobres que socorre, e ao mesmo tempo pedir a v. ex.a para agradecer, por intermedio desse jornal, ao publico que comigo tem tratado e que só tem encontrado da minha parte a melhor boa vontade em o atender.

Sem mais, ficando-lhe imensamente grato, creia-me com elevada estima e consideração.—De v. etc.—*Nuno Alvaro de Melo.*

Um roubo repugnante

A uma pobre ceguinha que vende *O Diario de Lisboa* na Calçada da Gloria, foi roubado o jogo que tinha para a lotaria de ámanhã. Uma leitora assidua enviou-nos 5$00 para lhe entregarmos, apelando para os leitores bondosos que queiram imitá-la.

A JUSTIÇA...

Mulher

que roubou

uma rola, dois pombos e um par de peugas

e foi condemnada

a dois anos de prisão

O caso passou-se na Boa-Hora.

O juiz, emquanto os jurados não vinham—tinham ido chama-los a casa, por favor—foi julgando uma mulher a quem o Ministerio Publico acusava de haver roubado uma rôla, dois pombos e um par de peugas velhas. Era um julgamento para entreter. Cá fora, na ante-sala, estava um rôr de testemunhas a protestar contra a falta dos membros do juri, e o Magalhães, da Brasileira do Chiado, a dizer que aquilo era tudo uma refinadissima pouca vergonha.

—A quem o senhor o diz... Cá estou eu que já, com esta, são oito vezes que aqui venho...—intrometia-se um circunstante.

—E' testemunha?

—Em má hora me meti nisto!

Preguntámos ao Magalhães se tinha havido alguma desordem; e ele, á paisana, respondeu, para pôr ponto na conversa:

—«Cais» desordem nem «cal» raio! Foi aquela fita de quando aumentou o preço do café.

Os senhores lembram-se. Foi um protesto, aqui ha coisa de dois anos, dos frequentadores da Brasileira do Chiado, que escaqueiraram umas chavenas rachadas que lá havia, ainda do tempo da primitiva...

* * *

Mas, como iamos dizendo, emquanto não vinham os «proprios» da caçada aos jurados, foi sendo julgada a mulher que roubou a rôla.

Disse o nome—chamava-se Maria, como as outras—jurou dizer a verdade e poz-se a mentir com quantos dentes tinha na boca.

Que não; que não roubou coisa alguma; que achou as peugas numas terras; e que a castigasse o sr. juiz como melhor entendesse.

A Maria estava de pé, a responder ás preguntas, ao lado de uns dez homens a quem circunstancias varias haviam distribuido tambem o papel de reus n'aquele ajuste de contas semi-tragico.

Penteada de carrapito; o chaile descaído á moda das regateiras: saia velha a esfiampar-se; avental de riscado a fazer de remendo na vanguarda da sobredita; sapatos de tacão vencido; a Maria segurava, pendurando-a do ombro direito pelos ganchos dos braços, uma filha, uma creancinha de anos muito tenros. E' emquanto o juiz ia chamando ladra á mãe, a pequenita, na sua inconsciencia de anjo, ia brincando, ia-se divertindo, alheia áquilo tudo; toda ela enlevada na pobreza do seu vestidinho de chita, que alguem lhe deu um dia por dó.

* * *

Chamou-se um guarda republicano, e acudiu um guarda civico; o juiz indignou-se com o equivoco; os civicos e os republicanos atrapalharam-se e puzeram-se a andar para cá e para lá, na coxia, sem perceber bem a qual das fardas o chamamento se dirigia. O publico sorriu primeiro; riu, depois, á gargalhada, da inesperada contradança; e vieram as testemunhas. A primeira chamava-se Canario, e já não se lembrava do que acontecêra á rôla.

—Foi ha mais de um ano .. passou-me da memoria... O sr. dr. juiz compreende...

A Justiça fingiu que compreendia, e o Canario saiu em liberdade.

Outra. Era um velho de falas mansas e barba intonsa.

—Fale mais alto!

—Sou guarda noturno.

—Levante mais a voz!

—Saberá v. ex.a...

—Faça um esforço, ainda que se estafe!

—Como eu ia dizendo...

—Ainda não disse nada. Puxe por si!

—Não vê v. ex.a que eu sou guarda nocturno...

—Chegue para cá a cadeira. Faça um esforço maior!

—Pois é verdade...

—Homem, Você não podia ser sereno em Espanha!

—Saberá vossa senhoria que estou constipado...

O juiz percebeu que aquilo era fome, e deixou que o homem depuzesse em surdina. Frases isolados que a reportagem fixou:

—Esta, estava á briga com a irmã .. Era uma grande questão naquela casa... Roubei para te dar de comer a ti ... Vai ganhá-lo!... Arrebenta p'r'ahi com fome...

* * *

Depois entravam as defesas, por uma porta que parecia a tampa de um touril. O oficial bateu para dentro, como se faz nas touradas, a taboa girou nos gonzos, e surgiu na sala, meio espantada da luz, meio tomada de desconfiança, uma mulher de bigode.

—Das rolas não sei nada, porque eu móro cá em cima e ela móra lá em baixo.

—Quantos anos tem?

A mulher teve uma hesitação, e informou com tristesa, depois de pensar no perigo de mentir quando se fala á justiça:

—Tenho 40. Mas ainda os faço para Setembro...

—A ré é pobre?

—E' pobre a mais não pode ser. Ela até vive numa barraquinha...

A seguir, saiu outra, sem bigode e mais nova, que tambem não sabia nada do roubo da rola.

Chamava-se Helena; era bonita; disse que era casada, com cara de quem não se arrependeu ainda; e, no tocante á idade, quando lhe fizeram a pregunta, respondeu sem hesitar:

—Tenho 19, feitos, sr. juiz.

* * *

—V. ex.a dá licença?—Era a ré a meter-se na causa.

—Espere lá, que já discursa, mulhersinha!

—E' que eu queria...

—Cale-se. Não me interrompa.

—V. ex.a sabe...

—Não sei nada. Cale-se!

—Mas, é que...

—Olhe: vamos fazer uma combinação.

O juiz, que tinha os oculos presos por um arame á orelha esquerda, encavalitou as lentes no nariz, e ameaçou com solemnidade:

—A cada palavra mais que proferir, dou-lhe mais um mês de cadeia! Contenha os nervos; contenha a lingua; e oiça.

A Maria conteve os nervos; travou a lingua; a filhita enrolou-se-lhe no pescoço com uma ansia maior, e choramingou a pedir pão; e a justiça ditou, do alto da tribuna, a sentença final:

—Estou agora mais convencido do que nunca de que vocemecê roubou. Foi ladra; foi criminosa... Condeno-a a dois anos de prisão e 3 escudos para o cofre.

Como cada palavra era mais um mês de cadeia, a mulher falou, chorando, e conseguiu ser, assim, duma eloquencia rara.

—Mas... suspendo-lhe a pena... por dois anos tambem.

A Maria agradeceu numa reverencia de igreja; a petisa tornou a chorar e a tornar a pedir pão; e, já á saida, a mãe, para a calar, teve para ela, esta exclamação que é uma sintese de amargura:

—Cala-te! Queres que o vá roubar?!

TAUROMAQUIA

VAI

ser notavel

a corrida nocturna

de ámanhã

no Campo Pequeno

Ainda ácerca da extraordinaria corrida de domingo, vamos extractar o que dela escreveu em «A Tarde» o nosso estimado colega «El Rodriguito»:

«Ao iniciarmos a nossa resenha, queremos deixar consignados os nossos aplausos aos organisadores da tourada de ante-ontem.

Em verdade o cartaz estava tentador e o nome de «Maéra» impunha-se não só á «aficion» portuguesa como igualmente ao publico.

Este saiu satisfeito, manifestando vontade de voltar á proxima tourada de 5.a feira.

«Maéra» foi o heroi da tarde, confirmando os creditos que tinha deixado ainda quando novilheiro, numa visita que nos fez — se não estamos em erro — ha uns 4 anos. Hoje artista consumado, a quem varias vezes temos visto tourear nas praças de Espanha, tem conquistado a pulso o logar de destaque que hoje disfruta na tauromaquia do paiz vizinho. «El ganador», este ano, na praça de Madrid, da orelha de oiro, soube e saberá impôr-se a toda a «aficion» pelo seu trabalho e pela diligencia que emprega para agradar a todos os publicos. Artista modesto, sem ser um toureiro de filigranas, mas sim um toureiro basto, sabe da sua arte, aproveitando as excelentes faculdades que tem. Maneja um capote cingindo-se e executando sem espalhafato todos os adornos que outros «diestros» fazem. Bandarilhando, fá-lo com estilo e arte, cravando excelentes pares igualmente todos eles com uma precisão matematica, deixando boquiabertos os espectadores.

«Rehiletero» consumado, todos os terrenos lhe são propicios para mostrar o quanto vale, na arte de bandarilhar.

Com a muleta apodera-se com absoluto dominio das rezes, obrigando-as a passar, e empapando-as no trapo vermelho, dando largas á sua valentia. Foi, pois, «Maéra», como atraz dissémos, o heroi da tarde, e a ele se deve a animação e bom resultado da tourada de domingo.

Bregando, bandarilhando e manejando a muleta, foi um artista que soube ganhar as pesetas de «verdad», sendo um incansavel trabalhador desde o touro que rompeu praça, até ao 7.º animal, em que se retirou com prévia licença das autoridades.

Para «Maéra» vão os nossos aplausos, e nunca se arrependam os organisadores das touradas trazendo a nossa 1.a arena artistas deste quilate que, como «Maéra» sabem de momento a momento, conquistar as ovações que durante toda a lide lhe foram tributadas.»

* * *

«Maéra» regressa hoje de Sevilha, onde foi propositadamente para assistir ao banquete que ontem se realisou após a cerimonia da entrega da «orelha de ouro». Com «Maéra» vem seu irmão «Maéra II» que acompanhado do bandarilheiro José Ortega, vai lidar dois novilhos de Emilio Infante.

A parte equestre nacional da corrida está entregue ao notavel cavaleiro José Casimiro de Almeida, que se vai encontrar com o novel e estudioso Antonio Luiz Lopes.

Será mais uma corrida sensacional das que levantam a tauromaquia portuguesa.

O publico assim o entende, correndo em massa á bilheteira da Praça dos Restauradores.

Dirige a corrida o inteligente aficionado sr. Segurado, o que é uma garantia do bom aproveitamento dos touros e dos lidadores.

Centro Rep. Dr. Antonio José de Almeida

Em homenagem aos socios organisou a Direcção e a Comissão Pró-fundo Escolar uma «soirée» que se efectua no sabado, 2 de Agosto, abrilhantada pela orquestrina Rosa, com «jazz-band». Ha diversos atractivos, como Jogo da Rosa, «fox-trot», etc., a cargo do sr. A. Pereira Capitão.

DR. ANTONIO DE MENEZES, ex-Assistente do Instituto para educação e tratamento de creanças defeituosas em Berlim-Dahlem (prof. Biesalski) — **Ortopedia** — (Tratamento das deformidades e paralisias, creanças defeituosas, tuberculose dos ossos e articulações, aparelhos ortopedicos, massagem, ar quente, electricidade, sol artificial) — Consultorio (provisoriamente): Rua do Mundo, 84, 2.º — 2.as 4.as e 6.as, ás 11

A Cidade

Dr. Cascão de Anciães
Ex-assistente do Prof. Strauss, em Berlim
CLÍNICA MÉDICA
ESTOMAGO, INTESTINOS, FIGADO
Endoscopia — Dietética
RUA DO SALITRE, 55, r/c. Ás 4 horas

OLIMPIADAS

FOI

classificada

a equipe portugueza

de hipismo

em quinto logar

Só hoje chegaram a Lisboa pormenores das provas olimpicas de hipismo.

Foram duas as competiçõss hipicas realisadas no «stadium» de Colombes:

—O campeonato equestre, que compreendia para o mesmo cavaleiro, com a mesma montada, provas de alta escola, corrida em fundo e saltos de obstaculos;

—O concurso hipico.

Só a esta segunda prova concorreram os cavaleiros portugueses.

O campeonato equestre foi brilhantemente ganho pelo tenente holandês Van der Voort van Zijp, a grande distancia de pontos dos seus competidores.

O concurso hipico realizou-se no domingo, e com ele se encerraram os jogos olimpicos de 1924. O percurso era extremamente dificil —duro e acidentado quanto possivel.

O tenente suisso Gemussem foi, nitidamente, o melhor dos concorrentes.

Foram poucas as faltas que deu—seis— emquanto o italiano Lequio, que se clastificou em segundo lugar, teve 8 3/4 faltas.

Por curiosidade diremos que o ultimo classificado, o 34.º—dos 39 representantes de 13 nações, desistiram 5—teve 45 faltas.

Os representantes portugueses classificaram-se individualmente, como já dissémos, em 5.º, 12.º e 16.º logares.

Na classificação por nações, a Suecia conseguiu o primeiro lugar, tendo os seus três representantes um total de 42 1/2 faltas. Seguiram-se-lhe: a Suiça com 50 faltas; Portugal com 53 faltas; Belgica, 57 1/2; Polonia, 58 1/2; Inglaterra, 65 3/4; Espanha, 73 3/4.

Somando os pontos que as diferentes nações obtiveram no campeonato equestre e no concurso hipico, estabelece-se a classificação geral que segue:

Suecia, 10 pontos; Holanda, 5 p.; Suiça, 4 p.; Italia, 3 p.; **Portugal**, 2 p.; Inglaterra, Dinamarca, Belgica e Polonia, 1/4 de ponto.

* * *

Logo que o ultimo cavaleiro desapareceu sob o portico de Maratona, soaram as trompas de caça, anunciando o fecho dos Jogos de Paris.

Depois, os delegados de cada nação concorrente aos jogos olimpicos desfilaram pela tribuna oficial, para receber uma caixa de papelão, contendo as medalhas ganhas pelo seu paiz. Talvez que á caixa de papelão faltasse um pouco o caracter olimpico. Mas, tratando-se de simbolos...

Quando o coronel Thompson, delegado dos Estados Unidos, foi buscar as cento e tal medalhas que o seu país ganhou—sendo necessarias 3 caixas enormes e portador especial— estrelejaram os aplausos, porque realmente se recompensava a melhor nação.

De resto, todos os paises foram aplaudidos —até aqueles que só receberam uma medalha, e aos quais se deu, tambem, uma grande caixão de papelão...

A's 18,30 horas, de domingo 27 de Julho de 1924, estavam terminados os VIII Jogos Olimpicos da Era Moderna.

Um francês

que anda a dar a volta ao mundo a pé

No Governo Civil apareceu hoje um francês que desde 1918 anda fazendo a volta ao mundo a pé.

Tira retratos a «crayon», ganhando assim a vida.

De Portugal segue para o Brasil.

Arnaldo Forte

Regressou da Madeira e dos Açores o nosso presado colega do «Jornal da Europa», sr. dr. Arnaldo Forte.

Fume BOGDANOFF

UM PLANO...

A obra

de fomento

a realizar pelo ministerio da Agricultura

e qual é a opinião

do sr. dr. Torres Garcia

A pasta da Agricultura tem um ministro beirão, quere dizer um pouco rude mas sincero, de vontade firme e decidida, falando por pensamentos e não por palavras.

A primeira vez que entrou no seu ministerio foi agora como ministro. E como ouvira dizer, possivelmente sem fundamento, que aquela secretaria era uma caverna de ladrões, achou necessario relembrar a lei organica do referido ministerio, sobretudo o artigo 451.º...

—E' um artigo celebre?—preguntámos, abrindo o dialogo, ao sr. Torres Garcia.

—Um artigo justo. Proíbe terminantemente que os funcionarios desempenhem, com ou sem remuneração, quaisquer outros cargos que colidam com os serviços do ministerio.

—Mas supõe que haja funcionarios abrangidos por esse artigo?

—Não sei, nem posso calcular.

—Mas, então...

—Agora pretendi com a referida portaria prestigiar o meu ministerio — dar uma satisfação á opinião publica.

Outro assunto:

—V. ex.ª apresentou hoje alguma proposta ao conselho de ministros?

—Tratei, pela minha pasta, do comercio de trigos.

—Uma nova lei cerealifera?

—Sim, estou estudando uma...

—Cujos pontos principais...

—Ainda é cedo para os revelar. E' fruto verde, por emquanto.

—Mas pretende defender o trigo nacional?

—O preço do trigo nacional foi fixado por mim, ha pouco tempo, depois de ouvir inumeros sindicatos.

—O mesmo do trigo exotico?

—O mesmo. 1$80 por quilo.

—Então...

—Emquanto o trigo nacional é pago em casa do lavrador a 1$80—o exotico custa o mesmo preço, mas posto no Tejo. E' facil calcular que, na sua origem, o segundo, sem despezas de transporte, onus consulares, etc., custaria mais barato.

—E os 7.200 contos que a Moagem deve ao Estado?

—Isso não corre por esta pasta. Essa divida resulta dum imposto diferencial lançado pelas alfandegas. A conta foi apresentada á Moagem, esta contestou, e o caso está dependente do meu colega das Finanças, que está disposto a resolvê-lo energicamente...

—Mas esse capital reverterá a favor do ministerio da Agricultura?

—A favor do fundo do fomento agricola. E até seria uma grande coisa, se ele entrasse já. A pasta do fomento agricola tem realisado uma bela obra. Subvenciona já, em pouquissimo tempo, mais de duzentas maquinas, entre as quais 80 tractores. Com esse dinheiro, que a Moagem nos deve, podiamos intensificar a cultura, actualisar os premios agricolas, auxiliar os sindicatos, etc., etc.

—Uma larga obra de fomento...

—Sim, visto que, infelizmente, este ministerio tem sido desviado da sua principal directriz: produção e não alimentação. Só oiço aqui falar em fome, em trigos, em azeite, em subsistencias. São os efeitos que nos têm preocupado, quando é nas causas que reside o mal.

—Mas os nossos terrenos dariam trigo suficiente para abastecer o país?

—Tenho ouvido dizer que sim—tomando por base a intensificação da cultura e a extensificação.

—Mas tem planos de fomento agricola a apresentar?

—Muito ha a fazer nesse sentido—e, se as circunstancias o permitirem, alguma coisa conseguirei. Como lhe disse já, este ministerio tem sido desviado da sua principal função.

—Tenciona reformar o comissariado dos abastecimentos?

—Têm-me chegado queixas graves, referentes a varios serviços. Esclarecer-me-hei, primeiro, com o comissario; pois, em materia de cortes, sou de opinião que só se devem fazer depois apuradas todas as responsabilidades.

—V. ex.ª tem mais alguma coisa que nos possa comunicar?

—Mais nada. Como vê, rigorosamente as minhas funções de ministro começaram hoje com o primeiro conselho a que assisti e onde apresentei o que já tive ocasião de lhe dizer.

Saimos, deixando entregue á vontade decidida do sr. Torres Garcia a disciplina burocratica dum dos seus directores gerais.

A corrida nocturna de amanhã

Um dos famosos pares do enorme bandarilheiro e «muletéro» «Maera» que na corrida nocturna de amanhã se apresenta com a sua quadrilha de picadores e bandarilheiros e ao lado de seu irmão «Maera II»

Pelos teatros

Homenagem á Aviação

Terminam com chave de ouro os espectaculos da companhia que, desde ha tempos tem trabalhado no Trindade, tendo á frente os ilustres artistas Berta de Bivar e Alves da Cunha. O seu ultimo espectaculo realiza-se ámanhã, promovido pelo actor Carlos Alves, em homenagem á Aviação Militar e dedicado aos clubs José Avelino e Lusitano de Lisboa, com o seguinte programa:

A representação unica da peça do ilustre dramaturgo sr. dr. Julio Dantas, «A Ceia dos Cardeais», interpretada pelos artistas José Alves da Cunha, cardeal hespanhol; Carlos Santos, cardeal português e Henrique Alves, cardeal francês.

Primeira e unica representação da peça de Linares Rivas, em 2 actos, «Cobardias», tradução de Lino Ferreira e Oldemiro Cesar, do repertorio de Alves da Cunha e Berta de Bivar.

Um final de recita, com um acto variado em que tomam parte as ilustres artistas: Lucilia Simões, Nascimento Fernandes, Erico Braga, Hortense Luz, Fernando Pereira, Joaquim Almada e Seixas Pereira e «A Canção Nacional» por Alfredo Duarte, que cantará alguns dos seus fados; variações á guitarra por João Fernandes e acompanhadas á viola por Alfredo Mesquita.

«A Sevéra»

O jornalista, que acompanha de perto o movimento teatral dos ultimos anos, pode afirmar que nunca se manifestou um tão grande interesse pelo reaparecimento de uma peça, como o que está sucedendo com a notavel obra do ilustre dramaturgo dr. Julio Dantas, «A Severa», ha anos levada á scena, pela primeira vez, em grandioso exito, no antigo teatro de D. Amelia. Podemos igualmente afirmar que ela, naturalmente, prendeu por muito tempo a atenção de quantos superintendem na direcção do teatro Nacional, especialmente o seu ilustre administrador, o actor, o ensaiador Augusto de Lacerda, e os interpretes, nomeadamente Ester Leão, actriz de inconfundiveis recursos, que vai desempenhar a protagonista, num confronto com a grande Auge a Pinto, infelizmente retirada de scena.

Ámanhã efectua-se o ensaio geral da «Severa» e na sexta-feira realiza-se, definitivamente, a sua primeira representação.

Laura Costa

Realiza-se, definitivamente, na terça-feira, 5 de Agosto, com dois espectaculos, no teatro Maria Vitoria, a festa da gentil actriz Laura Costa, apresentando, entre outros, nessa noite a revista «Rez vez», a atracção de dois dois quadros novos, indo á scena o que se intitula «Cabaret dos clubs», em representação unica. Esse quadro terminará com um gracioso numero de «Jazz-Band» executado por Laura Costa, que, para esse fim, se está adestrando com o primeiro professor dessa especialidade.

Atrás do reposteiro

Julio Dantas recebeu recentemente, como liquidação de direitos de autor da sua peça «A Ceia dos Cardeais», representada em Hespanha, uma quantia em pesetas que, convertida em dinheiro português, significa uma soma nunca atingida pelas representações da mesma peça em Portugal, desde a sua «première».

—A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro realisa em setembro, na Povoa do Varzim e Vila do Conde, por contrato, uma serie de vinte espectaculos.

—Erico Braga, na sua qualidade de director e empresario da companhia Lucilia Simões-Erico Braga, tem recebido inumeras propostas para espectaculos em varias cidades do país.

—A companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho trabalha nos dias 3, 4 e 5 de agosto proximo no novo teatro de Torres Vedras.

—Os artistas Chaby, Pinheiro e Jesuina de Chaby encontram-se já em Vichy, tendo demorado alguns dias em Salamanca e Bayona.

—Sabado representa-se pela primeira vez, no Eden, a revista «Vida airada». Estreiar-se-ha o actor Santos Carvalho, apresentando-se, tambem, pela primeira vez no desempenho, além de outros artistas, o actor Antonio Gomes, da Trindade, Adelina Fernandes, Luiza Durão, o bailarino Bill Bailey, que cantará o numero do «Marinheiro americano», cantando-o tambem, acompanhados do côro, Judite de Sousa e Raul Silva.

Coliseu dos Recreios

Mais um programa magnifico apresenta hoje o Coliseu dos Recreios com admiraveis numeros de canto e dança e de «jonglage» lutando, em ultima sessão do torneio, Constant Marin contra Leskimovitsch, Grilo contra Samson, José Camarão contra Terrassier e Saint Mars contra Gonçalves.

Fume BOGDANOFF
excelentes aromaticos

O grande acontecimento do dia

Os mais valentes combates de luta que se têm realizado no Coliseu dos Recreios

Penultimo espectaculo e ultima sessão para apuramento do vencedor do torneio

Os mais sensacionais combates de luta da temporada são os que hoje se realizam no Coliseu dos Recreios para apuramento do vencedor do grande torneio internacional que ali se tem efectuado com grande interesse do publico.

Luta herculea, vigorosa, energica, em que a sciencia corre parelhas com a força, deve ser a dos «azes» do tapete Constant Marin e Leskinowitsch. Dois autenticos herois do «ring», qual deles será o vencedor? Quem pode profetizá-lo? Conscios ambos da sua força, da sua destreza e do seu saber, que golpes não será preciso empregar, que arte não será preciso desenvolver para se defenderem mutuamente! E' positivamente uma luta de leões!

Outras lutas tambem interessantes são as de Grilo contra Samson e de Saint-Mars contra Gonçalves, todos eles empenhados em conservar a sua fama.

O espectaculo de hoje vai ser um espectaculo unico, fenomenal, do maior interesse para o publico que dificilmente verá outro igual.

S. CARLOS Telef. C. 3068

HOJE, ás 9,45 da noite — Penultima récita da temporada — A espirituosa e linda peça

O LEQUE

Brilhante criação de LUCILIA SIMÕES com Antonio Pinheiro, Erico Braga, Amelia Pereira, Joaquim Almada e mais artistas

---

Teatro APOLO

HOJE 5.ª representação

A peça de Ernesto da Silva

O CAPITAL

Titulos dos actos: 1.º «A Tramoia Politica»; 2.º «O 1.º de Maio»; 3.º «A Greve»; 4.º «A Queda do Capital».

Concertos de «Jazz-Band» Preços baratissimos

AVENIDA PARQUE

(Antigo Parque Mayer)

TODAS AS NOITES Esplendidos concertos

Profusa iluminação

Numerosos recreios e diversões

O mais agradavel dos recintos ao ar livre e o mais concorrido

---

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE, ás 21,30—IRREVOGAVELMENTE ultima representação e recita da moda. A sensionalissima peça

OS DOIS GAROTOS

Admiravel trabalho de Ilda Stichini e Ester Leão

Preços reduzidos: Plateia, 4$40, 5$60, 9$50, 12$00; Camarotes, 20$00, 35$00, 50$00; Galeria, 3$40. Não ha locação

Sexta-feira, 31: A SEVERA do dr. Julio Dantas

Querem gosar um explendido espectaculo? Então

NÃO HESITEM

e vão ao

EDEN-TEATRO

ver o

Fruto Proibido

A toda a velocidade

eis o titulo de

A melhor comedia burlesca

da reputada marca

Century Comedies (Universal)

com o espantoso comico HARRY SWET que hoje se estreia no

Cinema Condes

em programa com

UM COBARDE

pelo eminente House Peters e a super-serie

Dupla aventura

pelo arrojadissimo Carlos Hutchinson

TEATRO da TRINDADE

Emp. José Loureiro Telef. C. 876

HOJE — Ás 21,30 — HOJE

O Papá Lebonnard

ÁMANHÃ Despedida da companhia

Recita de homenagem á Aviação Militar

Pst!... Ólá!...

Repare bem no que digo

Teatro MARIA VICTORIA

HOJE: DOIS ESPECTACULOS

com a famosa revista

RÉZ-VÉZ

DR. ARBUES MOREIRA

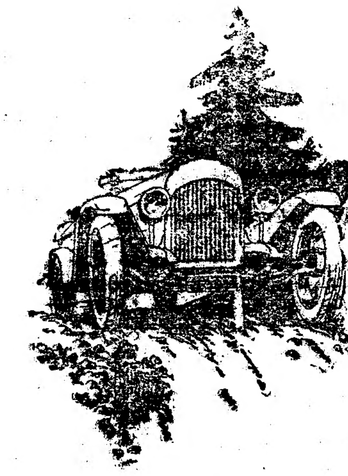
CLINICA MEDICA

DOENÇAS PULMONARES

CONSULTAS AS 4 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

DUNLOP



Calce DUNLOP e ficará satisfeito

RICAS MÓBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento

VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 °|o

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos

MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.

A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL

MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

Rua do Desterro, 17 a 29

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA — RUA DO OURO, 18, 24

PORTO — PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

---

A cura das doenças pelas plantas

3.ª edição

Mais de 100 plantas medicinais para remedios caseiros

A venda nas livrarias

Pedidos a Antonio Ribeiro Rua Nova da Trindade, 87

Preço 2$00 Pelo correio 2$50

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Faz se publico que a começar no proximo dia 1 de Agosto a partida dos ultimos carros do centro da cidade será á 1 hora da madrugada.

Igualmente se anuncia que a partir da mesma data a zona da Rua Alexandre Herculano, das carreiras de Benfica e Lumiar, passará para a P. Marquês de Pombal, e a zona de Sete Rios, da carreira de Bemfica, passará para o Jardim Zoologico.

Lisboa, 29 de Julho de 1924.

A Direcção

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO 140

SICPAL

Ratgondins, rapozas, skungs, opussom, petit gris, etc.

Sempre grande e variado sortido em peles estrangeiras e nacionaes.

Curte, tinge e confecciona; rapidez e perfeição.

Preços para reclame.

Sociedade Industrial de Cortumes e Peles de Abafo, L.da

Telefone N. 5111

49, Rua das Pretas, 2.º

Fabrica de

Ladrilhos

Mosaicos

Azulejos

Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

«CUTIDERMI»

Depois de vos barbeardes usai

«CUTIDERMI»

que extingue o prurido causado pela lamina e amacia a pele.

PASTA DENTIFRICA CRISTAL

Para a boa higiene da boca e alvura dos dentes use V. Ex.ª a

PASTA DENTIFRICA CRISTAL

Dr. Carlos da Costa Novaes

MEDICO-CIRURGIÃO — INTERNO DOS HOSPITAIS

R. dos Fanqueiros, 101-1.º Consultas das 4 ás 6 Telef. C. 2330

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

BOGDANOFF o cigarro dos reis

Gravura em todos os generos
Carimbos de borracha, metal e artigos para escritorio, monogramas para carteiras
NEVES & OLIVEIRA
R. DE S. NICOLAU, 53

ESTRANGEIRO

Dr. Miguel de Magalhães
Monitor da clinica de Necker—PARIS
RINS e vias urinarias.
Venereologia e sifilis.
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 h.—Tel. 5205-N.

A REVOLUÇÃO BRAZILEIRA

FOI
desordenada
a fuga dos revoltosos
tendo sido cortada a retirada
segundo o comunicado do governo

RIO DE JANEIRO, 30

Informações de S. Paulo, dizem que a vida da cidade está em vias de rapida normalisação, tendo-se regressado lá ao trabalho nas muitas oficinas que foram forçadas a paralisar, sobretudo as situadas no bairro do Braz.

É absolutamente gratuita a afirmação feita no estrangeiro de que os rebeldes abandonaram a cidade por razões estrategicas, pois a fuga foi desordenada e sem escolha de direcções, tendo já sido capturados numerosissimos rebeldes pelos legalistas que continuem a persegui-los.

Um grupo de rebeldes encontrado numa floresta, e do qual faziam parte dois capitães, tentou insurgir-se contra uma força que pretendia capturá-los, mas foi prontamente reduzido á impotencia, sendo conduzido a S. Roque.

Está absolutamente cortada a fuga dos rebeldes.—(A.)

4:000 pessoas
morreram durante as refregas

NEW-YORK, 30

Telegrafam de Buenos-Ayres que os rebeldes que conseguiram escapar de S. Paulo fugiram em duas colunas que já tinham preparado para a sua retirada antes do ataque final das forças federais. Apesar dos federais terem feito muitos prisioneiros, o general Lopes, chefe dos rebeldes e o seu estado maior, conseguiram fugir. O major Costa cobriu a retirada e foi envolvido pelas forças federais, mas quando reconheceu que não podia fugir, suicidou-se. O governador de S. Paulo regressou áquela cidade. Os Bancos vão abrir brevemente, tendo-se começado já a retirada do café que se encontrava nos armazens. Diz-se que muitas familias antigas de grandes fazendeiros do Estado de S. Paulo pretenderam influenciar os revoltosos, que aliás nunca nisso pensaram, para que fosse restaurado o Imperio. Nas refregas morreram cerca de 4:000 pessoas.—(R.)

Os federais
perseguem os revoltosos

LONDRES, 30

O ultimo ataque dos federais á cidade de S. Paulo foi violentissimo. Os rebeldes, tendo conhecido a impossibilidade de resistir, prepararam a retirada, tendo deixado uma coluna de tropas na cidade para deter o rapido avanço dos federais. Foram já organisadas colunas rebeldes para marchar em sua perseguição. Os rebeldes propõem-se com a sua presença estimular os fermentos de revolta que existem noutros Estados.—(R.)

A alegria
pela derrota dos rebeldes

RIO DE JANEIRO, 30

O entusiasmo e a alegria tem feito vibrar a população da capital do Brasil, por motivo da derrota dos rebeldes de S. Paulo.

Uma enorme multidão percorreu á noite as ruas principais da cidade, aclamando os nomes dos drs. Artur Bernardes e Carlos de Campos, e soltando vivas á legalidade, ao Exercito, á Marinha e á Policia.—(A.)

CARTA DE HESPANHA

O Geral
da Companhia de Jesus
visitou Madrid
e aprecia o momento politico e a liberdade religiosa

MADRID, 27.—(Especial)—Quando esta cronica fôr publicada, já estará em Espanha o R. P. Wladmiro Ledochowski, geral dos jesuitas. A noticia, ao ser conhecida provocou certos comentarios um tanto apaixonados, por parte dos elementos avançados que querem fazer ver que a viagem tem motivos ocultos.

Com toda a firmeza e segurança, e conhecendo bem a fundo o motivo da viagem, podemos declarar que ela nada tem de particular, nem de longe ou perto tem outro alcance que não seja a piedade, sem politica de nenhuma especie, nem alarde contra elementos contrarios.

A Companhia de Jesus e o seu geral não intervêm para nada na questão politica espanhola, como nunca intervieram nem intervirão. Tampouco têm razão para intervir. O seu ministerio é unicamente religioso e nessa esfera se moveram sempre e se movem hoje. Podemos mesmo afirmar, sem receio de nos enganarmos, que essa tactica será a do futuro, ainda que a determinados elementos convenha envenenar a opinião inconsciente de quem se deixa enganar por sofismas sem qualquer base.

O geral é de origem polaca, ainda que fosse, na sua infancia, creado na Austria, onde ingressou na Companhia de Jesus como noviço, chegando ao elevado logar que desempenha, por provisão divina, como consequencia da sua santidade e do seu talento extraordinario.

De saude delicada, no verão sempre se ausenta de Roma, passando em Villa Vecchia Frascati, perto de Roma, quasi todo o mês de agosto. Quando El-Rei Afonso XIII esteve em Roma, convidou-o muitas vezes a vir á Espanha, facto logico, tendo em conta que o fundador da Ordem foi Santo Inacio de Loyola, espanhol, e que nenhum geral tinha ainda visitado a Espanha. Ha suspeitas de que São Francisco de Borja, terceiro geral, veiu a Espanha uma vez. Mas não está confirmado oficialmente, nem existem dados na Casa Central em Roma.

Por outro lado, os jesuitas de Espanha tinham atravessado o desprezo que pelas Casas de Jesuitas espanholas mostrara o anterior geral o R. P. espanhol Martin, que, eleito em Loyola para tão elevado cargo, não quiz percorrer as Casas de Espanha, dizendo, com acentuado desdem, que não o mereciam, e partindo imediatamente a visitar as de França, Inglaterra, etc.

Indubitavelmente, não o faz com mau sentido, nem por desprezo. E' que havia visitado anteriormente algumas e estava satisfeito com o seu desenvolvimento. Mas, seja como fôr: o que é certo é que não as visitou. Agora vem o geral visitar algumas, como desagravo e para aceder a um convite do monarca espanhol.

No dia 31 de julho chegará ao famoso mosteiro de Loyola, berço do famoso santo, onde annualmente se celebram festas extraordinarias, a que assistem milhares e milhares de pessoas de toda a Guipuzcôa, resultando um acto imponente. O geral quere associar-se a estes piedosos actos e assiste a eles pessoalmente. Por isso, escolheu esta data para nos visitar.

Três ou quatro dias depois, irá a Santander pagar a visita aos Reis, seguindo para Comillas, onde passará o resto do mês de agosto, repousando e restabelecendo a sua abalada saude, num clima aconselhado pelos medicos italianos.

Depois de abandonar a Universidade que os jesuitas têm em Comillas, virá a Madrid visitar as residencias aqui existentes, numa homenagem ás de todo o país. Seguirá a Santa Vueva de Manresa, onde Santo Inacio escreveu os exercicios espirituais. Passará em Barcelona, de onde partirá para Roma.

Como vêem, o programa não pode ajustar-se mais estritamente ao sentido piedoso e catolico.

* * *

A viagem tem apenas o significado que apontamos. Mas acontece que determinados elementos têm uma aversão enorme aos jesuitas. Não ha coisa, por mais insignificante, que parta delas que não os impressione. Mas ocultam as causas do seu medo. E' que não podem competir na luta de ideais. Temem o seu talento extraordinario. Sabem que a Companhia de Jesus é a vanguarda aguerrida, forte e disciplinada da Igreja—e que o seu credo é «adiante, sempre adiante»!

Ha, precisamente agora, em Espanha, gerais de outras ordens religiosas, e, no entanto, não se metem com eles. Podemos citar o Geral da Ordem dos Mercedarios e o da Ordem dos Missionarios do Sagrado Coração de Maria, ambos espanhois. Pois bem: não se ocupam deles. Fazem muito bem; mas deviam ter a mesma atitude para com o geral da Companhia de Jesus.

A imensa maioria do país aplaude o gesto do geral dos jesuitas, vindo a Espanha, como do resto o das outras ordens religiosas. Isto demonstra a liberdade que se desfruta com o Directorio Militar, liberdade que se não se desfrutava em Espanha ha muitos anos, talvez ha alguns seculos.

Confiados nesta liberdade vieram e vêm Rabis a Espanha. Recentemente, houve casamentos de judeus na Andaluzia e a imprensa publicou largos artigos sobre as cerimonias. Nem autoridades nem particulares se meteram com eles.

O protestantismo continua fazendo uma propaganda incansavel. Em Madrid, no bairro de Salamanca, aristocratico por excelencia, e proximo á igreja da Conceição, paroquia do bairro, os protestantes estão levantando uma capela. Ninguem se mete com eles. Nem autoridades, nem particulares, nem os proprios catolicos que não os vêm com agrado, mas nada dizem; deixam-nos fazer o que entendem.

Vivendo nesta liberdade e segurança não é estranho que o país,—a opinião sensata que quere a liberdade sem «licença»,—esteja encantada com o Directorio Militar e alente o general Primo de Rivera para que continue muitos anos no poder, governando como até agora. Porque, apesar de certos erros, a opinião não sente nada a falta do Parlamento...

A CONFERENCIA DE LONDRES

AOS
tomadores
do emprestimo alemão
de 800 milhões de marcos (ouro)
foram dadas todas as garantias

LONDRES, 30

Herriot enviou um telegrama á Camara dos Deputados, ao Senado e ao Governo dizendo que desejava apresentar-se perante as Camaras para lhe comunicar o trabalho das ultimas semanas que, apesar de todos os esforços, não está ainda terminado.

A delegação francesa na conferencia de Londres, procurando dar todas as garantias legitimas aos tomadores do emprestimo dos oitocentos milhões de marcos-oiro vela com muita atenção para que o tratado de Versailles não seja prejudicado.

As conclusões da segunda comissão acerca do restabelecimento da unidade fiscal e economica da Alemanha foram aprovadas, reservando contudo a questão da manutenção dos ferroviarios franceses e belgas.

A comissão de reparações foi convidada a ir a Londres.

A delegação alemã só será convidada depois do acôrdo estabelecido entre os aliados sobre as questões essenciais.

As questões que envolvem dificuldades tecnicas ainda necessitam de muitos dias para serem resolvidas.

A delegação francesa trabalha firmemente para, ressalvando os direitos de França, conseguir o restabelecimento da Europa.

A França
e a questão das garantias

LONDRES, 30

Apesar das inumeras dificuldades que têm surgido, os trabalhos da conferencia vão progredindo, sendo especialmente satisfatorios na importante questão das garantias do emprestimo de 40 milhões de libras, em virtude da formula apresentada pela delegação francesa, a qual está sendo estudada.

Afirma-se que a delegação francesa não completou ainda o seu projecto em todos os seus pormenores, motivo porque a primeira comissão convocada para esta manhã adiou os seus trabalhos.

A America
e o exito do plano de Dawes

«The Times» menciona como uma das principais demonstrações da boa vontade da America em contribuir para o exito do plano de Dawes, não ter oposto objecção á nomeação dum subdito americano para a C. R., logo que o plano tenha entrado em efectiva execução, o que deve suceder em 15 de Outubro.—(L.)

BOGDANOFF o rei dos cigarros

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO 140

MOBILIAS
a prestações e a pronto
AVISO
a todos que queiram comprar mobilias, visitem só os armazens da R. Martens Ferrão, 20, Avenida Fontes Pereira de Melo, 7, se querem ser bem servidos, com plena confiança e economia de tempo, porque encontram todas as facilidades e os melhores preços do mercado.

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS
MELLO DA SILVA & SEQUEIRA, LIMITADA
Rua Nova do Almada, 24-2.º D.
LISBOA
Telefone C. 582 Telegramas: [illegible]

E' util a todos
muito util
saber que na
Rua do Ouro, 127, 1.º andar
por cima da casa Mimoso abriu um
NOVO DEPOSITO DE LANIFICIOS
para venda directa ao publico, das melhores fabricas do país e estrangeiro, que se distingue não só pelo seu variadissimo sortido de fazendas em *Estambre, casemiras e cheviotes tipo inglês* mas tambem pelos preços verdadeiramente excepcionais.
Realmente muito barato
Tem alfaiate (esmerado córte)
—Confecção para chapeus—
—Estambres a 87$50 o metro—
Não confundir
Rua do Ouro, 127, 1.º andar

CAMBIO DO DIA	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	155$00	155$50
Paris	1$75	1$79
Madrid	4$68	4$72
New-York	35$20	35$40

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA	COMPRA	VENDA
Italia	1$52	1$54
Suiça	6$49	6$54
Brasil	3$50	—
Libra esterlina	176$[illegible]	180$00

TARDE PARLAMENTAR

HOJE

foi apresentado

um projecto de lei

reorganizando

a aeronautica militar

O sr. Francisco Cruz foi o diabo que apareceu hoje na mesa da Camara dos Deputados. Aquilo tem, habitualmente, uns vagares calculados que servem, como os leitores sabem, para dar tempo a que os retardatarios cheguem. Faz-se a chamada com ponto e virgula em cada nome; estica-se a leitura da acta e do expediente, até mais não poder ser, e, quando as circunstancias o tornam preciso, volta-se atraz emquanto os parlamentares não chegam para a conta.

Hoje, porém, coube a vez de ler a acta ao sr. Francisco Cruz, que não tem papas na lingua nem gosta de perder tempo; e, de tal maneira se houve, que a presidencia e alguns deputados da maioria fizeram gestos de desagrado.

—Mais devagar!

O expedito secretario foi lendo, foi lendo sempre mais depressa; e as vozes continuaram a protestar:

—Mais devagar! Não se percebe nada!

Pois sim! Quanto mais o queriam travar, mais ele acelerava a marcha.

No fim:

—Leste tão depressa. Isso devia levar pelo menos vinte minutos...

—Levou o tempo que era preciso. Não vim cá para fazer cêra.

E o caso é que, mesmo depois, quando o sr. Baltazar Teixeira queria fazer a compensação, lendo o expediente á maneira de atrazar, o sr. Francisco Cruz armou em fiscal do colega, e não o deixou parar, por mais que ele se fingisse cansado.

* * *

O sr. ministro da Guerra, como o sr. Lelo Portela lhe preguntasse em que estado se encontra a Aeronautica Militar, fez um discurso de cumprimentos, e mandou para a mesa uma proposta de lei que entrou desde logo em discussão, e que reorganisa provisoriamente os serviços da quinta arma.

O sr. Diniz da Fonseca, feita pela sr. Baltazar Teixeira uma rapida leitura do extenso documento, protestou contra o facto de um assunto de tamanha monta ser apresentado assim, sem a menor preparação, sem 24 horas, sequer, de estudo, á consideração da Camara.

E continua a discussão, sem nota alguma de interesse que valha a pena registar.

DE LUTO

Virginia Gomes Almada

Constituiu uma grande manifestação de pesar o funeral desta bondosa senhora, mãe do nosso querido amigo Artur Gomes Bebiano.

No cortejo funebre, que saiu ás 14,30 da Estação do Caes do Sodré para o Alto de S. João, incorporaram-se muitos trens e automoveis.

No cemiterio organisaram-se varios turnos.

Capitão Olimpio de Melo

Vai ser agraciado com o grau de oficial de Santiago da Espada, o capitão sr. Olimpio Manuel Pedro de Melo.

Filomeno da Camara

Foi nomeado o capitão de mar e guerra sr. Morais de Carvalho, promotor «ad-hoc» junto do tribunal de Marinha no julgamento do capitão de fragata sr. Filomeno da Camara, por motivos politicos.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17.
R. DOS FANQUEIROS, 114

UM CRIME PASSIONAL

MORREU

ESTA MANHÃ

A CANÇONETISTA HESPANHOLA

QUE ONTEM

FOI AGREDIDA A TIRO

O mês de julho tem sido um dos mais sangrentos.

Esta madrugada deu-se nova scena de sangue de que resultou a morte da insinuante bailarina e cançonetista hespanhola Pilar Firmina Martins, de 25 anos, que deixou na orfandade uma galante criança de 8 anos.

A scena passou-se assim:

A Pilar vivia ha quatro meses com o comerciante Antonio Fernandes Barreiros, de 27 anos, estabelecido com uma mercearia na rua do Cardal, rapaz muito conhecido na praça, onde era muito estimado.

A vitima esteve presa ha pouco tempo, sob a acusação de haver furtado uns brincos com

A BAILARINA PILAR

brilhantes ao hespanhol Manuel Gonzales Virgilio, com quem vivia maritalmente, tendo sido afiançada na Boa Hora, em 26 contos, pelo Barreiros.

A Pilar, no sabado, manifestou desejos de se dedicar á vida do teatro, como dançarina e cançonetista, ao que o Barreiros anuiu depois de lhe pedir que não fizesse a sua estreia em nenhum dos cafés da feira, visto que se comprometia a arranjar-lhe um contrato para o Salão Foz. Ela conseguiu convencê-lo de que seria melhor estreiar-se num club. Prometeu-lhe fidelidade, embora lhe dissesse que para crear nome e se tornar conhecida tinha que travar relações com varias pessoas.

E assim, no sabado, fez a sua estreia no café «Magestic».

Na segunda-feira, disse ao Barreiros que, se a visse com qualquer homem, não levasse isso a mal, porque uma artista que assim não fizesse nunca conseguia triunfar. Ontem deu-se a tragedia...

* * *

Esta manhã falámos com o Barreiros, ás grades do calabouço 6 do governo civil.

—Como praticou o crime?

—Foi um acto de desvairamento praticado por um impulso superior á minha vontade.

—Está arrependido?

—Estou. Nunca pensei em a matar. Só ha pouco é que um agente me veiu comunicar que ela tinha falecido. Não calcula quanto tenho sofrido.

—Gostava dela?

—Tinha por ela uma grande afeição e um enorme amor. Nunca esperei que ela me traísse. Fiz por ela os maiores sacrificios que um homem pode fazer por uma mulher a quem ama.

—Onde a conheceu?

—Na minha loja, onde ela era freguesa. Quando soube da sua prisão, corri em seu auxilio. Hipotequei um predio por 25 contos, para a conseguir afiançar. Tive durante dois dias um automovel ás ordens, para conseguir mais rapidamente percorrer as repartições publicas, para em 24 horas a libertar.

—O furto que ela cometeu...

—Ela não cometeu furto algum. O homem que vivia com ela, para se vingar, acusou-a dum crime que ela não praticára. Os brincos haviam-lhe sido oferecidos.

—Depois?

—Passei a viver com ela. Sempre lhe disse que, emquanto o processo não fosse arquivado, ela estava sob a minha vigilancia, e, portanto, que não cometesse qualquer infidelidade.

—Ela?

—Jurou-me que não. Mas traiu-me... Confesso que nunca o esperei.

—Mas ontem...

—Depois de termos jantado, ela disse-me que não a fosse esperar, porque, depois de sair da feira, ia para o ensaio do Centro Espanhol e que só saia ás quatro horas.

—E não acreditou?

—Fiquei a pensar no caso. Cêrca das dez horas, entrei no «Magestic», e qual não foi o meu assombro quando a vi em companhia dum homem a tomar café. Sentei-me noutra mesa, onde me demorei alguns momentos.

—E foi espera-la á saida?

—Fui. Quando a vi sair, acompanhada da mulher a dias, segui-a e vi-a entrar para o Centro Espanhol. Momentos depois, saiu e dirigiu-se para a esquina da rua da Trindade, onde a esperava um automovel, tomando logar ao lado do homem que guiava o carro.

—Que destino tomou depois?

—Como louco, corri á praça dos Restauradores, onde tomei uma «side-car», e fui a casa, á Avenida Duque de Loulé, ver se ela teria lá ido buscar alguma coisa. A dona da casa disse-me que não.

—Como soube que se encontravam no «Valmor»?

—Contei rapidamente o caso ao motociclista e ele lembrou-se desse «restaurant». Parti para lá.

—Uma vez ali?

—Mandei o motociclista ver se lá estava. Voltou, dizendo que estava lá uma senhora com um homem, e que parecia ser espanhola. Era ela.

—O que fez?

—Resolvi ficar dentro do «side-car», até ás 3 horas. De vez em quando o motociclista trazia me noticias desesperadoras. Impulsionado por uma força superior, saí do carro e pretendi entrar no gabinete onde eles estavam. O criado opoz-se terminantemente.

—Como a matou?

—Eram quatro horas, quando eles saiam. Verdadeiramente louco, agarrei no braço do homem, puchei-o para fora, e prendendo a Pilar pelo pescoço, disparei três tiros sobre ela, sem intenção de a matar. Aqui tem a minha tragedia...

A POLITICA DA TARDE

A LEI

do inquilinato

vai ser modificada

no sentido

de acabarem os despejos

Para hoje á noite está marcada a apresentação do governo ás comissões municipal e paroquiais do P. R. P.

* * *

A lei do inquilinato é hoje o maior dos problemas parlamentares e tão grave que se pensa até em chamar ao Parlamento o maior numero possivel de membros da maioria para, num dado momento, se votar o que houver de votar em sessão prorogada.

Tentámos averiguar qual a opinião geral a tal respeito. A maior parte dos parlamentares não aceita o parecer que se discute e ha a opinião de que dificilmente a nova lei passará, pelo menos tal como foi votada no Senado e muito menos como o deseja o parecer da Camara dos Deputados.

* * *

Ainda sobre inquilinato. A maioria inclina-se para uma reduzida votação a qual viria a ser a paralisação temporaria de despejos e a aplicação do coeficiente 10 sobre as matrizes de 1914.

* * *

A politica está arrefecendo consideravelmente, mal se arranjando uma noticia que valha registo serio.

No entanto, as rivalidades entre a Acção Nacional Republicana e o P. R, P. agravam-se cada vez mais e já se diz que se o conflicto se não der agora, o Parlamento será extraordinariamente convocado para outubro, talvez na segunda quinzena, visto que o Congresso do P. R. P. deve ser convocado para os primeiros dias desse mez.

* * *

Registemos mais um facto da nossa vida parlamentar. Durante esta semana devem retirar para as suas terras mais de vinte parlamentares, o que fará descer o «quorum» a uma divisa insignificante. Contando ainda por cima com os que, não pedindo licença, não comparecem, a Camara dificilmente se poderá manter além do dia 4 ou 5. Por'este motivo o governo pensa em pedir ao directorio do P. R. P. a votação imediata de novos duodecimos para que o sr. Rodrigues Gaspar se possa aguentar até á forçada reabertura das Camaras.

Chefe do Estado

O sr. Presidente da Republica, acompanhado do seu oficial ás ordens, primeiro tenente sr. Arantes Pedroso, deu esta manhã um passeio pela Baixa.

O sr. Teixeira Gomes recebeu esta tarde no Palacio de Belem, em audiencia particular, a brilhante escritora Mercedes Blasco e os srs. dr. Vasconcelos Dias, Pedro José de Moura, dr. Calado Rodrigues, director das Cozinhas Economicas, e Jorge Santos, conselheiro da legação em Madrid. A' noite, acompanhado dos srs. Jaime Atias, Luiz Barreto da Cruz e oficial ás ordens, preside, na Camara Municipal, á sessão solene promovida pela Sociedade Protectora dos Animais, para a distribuição de medalhas e diplomas aos benemeritos daquela instituição.

Creme de Lyon
O MELHOR PARA A PELE
A' venda em toda a parte
DEPOSITO:
Rua das Pedras Negras, 36, 2.º

PERFUMARIA «FLOR DE LIZ»
Novidades em perfumarias e emballagens de alta fantasia
RUA NOVA DO ALMADA, 83